SINMETAL Notícias
Nº 72 - 19 de Novembro de 2015

Pedidos de recuperação judicial crescem 41,4% no ano e batem recorde

O número de recuperações judiciais requeridas entre janeiro e outubro superou em 41,4% o registrado em igual período do ano passado. Foram 1.015 ocorrências contra 718, segundo dados da Serasa Experian. Trata-se do maior número para o acumulado nos dez primeiros meses do ano desde 2006, período em que já se aplicava a Nova Lei de Falências, que entrou em vigor em junho de 2005.

Micro e pequenas empresas são as que mais enfrentam dificuldades financeiras (Istock/VEJA)

No acumulado do ano, as micro e pequenas empresas são as que mais enfrentam dificuldades financeiras, com 517 pedidos, seguidas pelas médias (301) e grandes empresas (197). Na comparação de pedidos de recuperação judicial entre outubro de 2015 e o mesmo mês de 2014, há uma alta de 17,24%.

Foram 1.015 ocorrências entre janeiro e outubro, o maior número para o acumulado nos dez primeiros meses do ano desde 2006, segundo dados do Serasa.

Já o número de falências subiu 5,55% nos primeiros dez meses do ano na comparação com igual período de 2014 - 1.483 pedidos contra 1.405. Mais uma vez, as micro e pequenas empresas (765) foram as que mais recorreram à Justiça, seguidas por grandes (369) e médias empresas (349). Na comparação de falências entre outubro de 2015 e o mesmo mês de 2014, houve aumento de 10,56%. Fonte: Veja

Desemprego sobe a 7,9% em outubro, o maior para o mês desde 2007, diz IBGE

O desemprego no Brasil em outubro subiu a 7,9%, o maior em oito anos. Os números foram divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Em relação a outubro de 2014, quando era de 4,7%, o aumento foi de 3,2 pontos percentuais.

O número de desempregados foi estimado em 1,9 milhão de pessoas. Em relação a outubro do ano passado o aumento foi de 67,5%, ou 771 mil pessoas a mais em busca de emprego. Essa foi a maior variação percentual na série histórica da pesquisa, que começou em 2002.

O número de pessoas com emprego caiu para 22,5 milhões, 1% a menos do que em setembro (230 mil pessoas), e 3,5% a menos do que em outubro de 2014 (825 mil pessoas).

Os dados fazem parte da PME (Pesquisa Mensal de Emprego), baseada nos dados das regiões metropolitanas de Recife, Belo Horizonte, São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

O IBGE considera desempregado quem não tem trabalho e procurou algum nos 30 dias anteriores à semana em que os dados foram coletados. Fonte: Estadão

Crise faz R$ 11,5 bilhões desaparecerem do caixa dos pequenos empreendedores

Só em São Paulo, a receita das micro e pequenas empresas encolheu R$ 11,5 bilhões, foi de R$ 48,1 bilhões, em doze meses - entre setembro do ano passado e o mesmo mês deste ano. A conclusão faz parte de levantamento feito pelo Sebrae-SP que foi divulgado nesta semana. Com isso, a queda no faturamento real - já descontada a inflação - chegou a 19,2%. Trata-se do maior porcentual de queda para um mês de setembro em relação a igual período do ano anterior desde o início da pesquisa mensal, organizada faz 17 anos.

A queda, de acordo com o Sebrae-SP, foi generalizada. Na indústria, por exemplo, o recuo foi de 8,5%; mas o setor de comércio, com redução de 18,5%, e de serviços, baixa de 23,6%, sentiram bem mais os impactos da crise econômica pela qual passa o País. Essa retração está ligada à queda de demanda, à piora das condições de trabalho, o que levou às famílias a consumirem menos.

A pesquisa é realizada mensalmente, com o apoio da Fundação Seade, e entrevista 1,7 mil donos de micro e pequenas empresas e mil microempreendedores individuais, chamados de MEIs. No caso desse último grupo de empreendedores, a apuração mostra que o faturamento real apresentou queda de 21,5%, também levando-se em conta setembro deste ano em relação a 2014 - a receita total foi de R$ 2,3 bilhões, ou R$ 639,5 milhões a menos em relação ao ano anterior. Fonte: Estadão

Economia encolhe pelo 4º tri seguido, recuperação só na 2º metade de 2016

A economia brasileira encerrou o terceiro trimestre com contração de 1,41 por cento, o quarto seguido de perdas num cenário de profunda recessão e que não indica melhora antes do segundo semestre de 2016. Só em setembro, segundo o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) --espécie de sinalizador do Produto Interno Bruto (PIB)--, houve queda de 0,50 por cento, depois de cair 0,76 por cento em agosto.

O terceiro trimestre é o quarto seguido em que o IBC-Br mostra recuo, após taxas negativas de 2,09 por cento no segundo, 1,05 por cento no primeiro e de 0,50 por cento no quarto trimestre de 2014.

"Talvez vejamos algum fôlego no segundo semestre de 2016, quando devemos sair desse vale de mercado de trabalho ruim e desaceleração da renda, e estaria mais claro qual o cenário da questão fiscal", disse a economista do banco ABC Brasil Natalia Cotarelli, para quem o PIB deve encolher 3,2 e 2 por cento em 2015 e 2016, respectivamente.

O resultado do IBC-Br evidencia ainda mais o cenário de recessão do país, na qual o Brasil entrou no segundo trimestre, quando encolheu 1,9 por cento sobre os três meses anteriores segundo os dados do IBGE. Nesse ambiente, os resultados negativos de vários setores da atividade vêm se repetindo de forma recorrente, somando-se aos juros e inflação altos, piora do mercado de trabalho e confiança em deterioração.

"É difícil enxergar quando haverá uma virada da economia porque depende muito da confiança, mas esperamos estabilização ao redor do segundo semestre do ano que vem", avaliou o economista da consultoria Tendências Rafael Bacciotti. Fonte: Reuters